

# MEMORIAL DOS SENTIDOS EM CRÔNICAS E ARTE: A INTERVENÇÃO ARTÍSTICA COMO POSSIBILIDADE DE RESSIGNIFICAÇÃO DA REALIDADE

Fernanda Maria Macahiba Massagardi<sup>1</sup>

## Narrativas, arte e sentidos

*A fotografia do ser desaparecido toca-me como a luz  
de uma estrela.*  
Roland Barthes

Incontestável é o fato de que nossa vida pode ser comparada a uma narrativa, construída dentro de um espaço e tempo determinados. Parte deste território, permeado por culturas, estruturas físicas e questões econômicas, políticas e sociais, ilustra cenários individuais e coletivos, de acordo com as experiências de cada ator social nas diferentes realidades. Entretanto, há territórios de vozes outras, que compõem a existência a partir das memórias de outrem, encarnadas em nosso cotidiano. Benjamin afirma:

A narrativa, que durante tanto tempo floresceu num meio artesão – no campo, no mar e na cidade –, é ela própria, num certo sentido, uma forma artesanal de comunicação. Ela não está interessada em transmitir o “puro em si” da coisa narrada como uma informação ou um relatório. Ela mergulha a coisa na vida do narrador para em seguida retirá-la dele. Assim se imprime na narrativa a marca do narrador, como a mão do oleiro na argila do vaso. O narradores gostam de começar sua história com uma descrição das circunstâncias em que foram informados dos fatos que vão contar a seguir. (BENJAMIN, 1985, p. 205)

Assim, na perspectiva supracitada, narrar e imaginar são verbos próximos no ato do descrever. Vale lembrar Freire (1996), que ensina nosso *status quo* de seres condicionados, mas nunca determinados. Assim, o fluxo da vida e suas peculiaridades descortinam momentos de possibilidades e nunca de determinismo.

Entretanto, no fluxo do viver é impossível voltar a uma mesma situação e fazê-la diferente. O passado é, de certa forma, um registro do acontecido, mesmo que sujeito a diversas interpretações. Dessa forma, não é possível, por exemplo, revogar a morte de um ente querido ou um evento festivo que uniu duas pessoas em determinada data, em certa ocasião. É sabido que não podemos escapar do real, discutido por Benjamin<sup>2</sup> em seu ensaio “Destino e Caráter”, onde questiona o significado da expressão “ninguém escapa ao seu destino.”

Esses instantes da existência, a partir de fins do séc. XIX, puderam ser registrados por meio da fotografia. Pode-se dizer, em certa medida, que a arte da fotografia permite aos homens o reavivar da memória, do destino que coube a cada um, por meio dos registros realizados durante o espaço e o tempo de existências singulares, muitas vezes de gerações. Assim, temos a possibilidade de reconstruir o passado para entendimento do presente. Bosi afirma que “o passado reconstruído não é um refúgio, mas uma fonte, um manancial de razões para lutar.” (BOSI, 1992, p. 149)

---

<sup>1</sup> Universidade Estadual de Campinas, Campinas, São Paulo, Brasil. E-mail: [nandamacahiba@gmail.com](mailto:nandamacahiba@gmail.com).

<sup>2</sup> Disponível em: <[http://www2.uefs.br/filosofia-bv/pdfs/benjamin\\_01.pdf](http://www2.uefs.br/filosofia-bv/pdfs/benjamin_01.pdf)>. Acesso em: 15 de agosto de 2016.

Considerando que a Arte é uma atividade que se “baseia nessa capacidade que as pessoas têm de ser contagiadas pelos sentimentos de outras pessoas” (TOLSTÓI, 2002, p. 74), esta investigação de pós-doutorado reuniu, em encontros semanais, na pesquisa de campo, mulheres de terceira idade, no intuito de refletir acerca dos acontecimentos registrados em álbuns de fotografias de família e seus prolongamentos.

Convidadas a participarem de oficinas de técnicas artísticas, deslindando sensibilidades a partir de fotografias alocadas em álbuns de família e também revistas, às senhoras foi pedido que narrassem cenas observadas, imprimindo impressões, interpretações e refletindo se porventura haveria algum desejo de modificação naquelas imagens cristalizadas pelo registro fotográfico.



Fig 1: E se eu tivesse casado na primavera e não no inverno? Acervo pessoal

Muitas fotografias com temas comuns foram descortinadas neste fazer e situações similares foram identificadas durante as reflexões. Duarte Júnior ensina:

A percepção poética do mundo constitui um caminho direto para a valorização de nossa existência como seres do *sentido*, no que há de mais amplamente poético nessa bela palavra da língua portuguesa. Sentido como *significado*, sentido como referente aos *órgãos dos sentidos*, sentido como *consciência* (que é perdida quando se perdem os sentidos), ou mesmo indicando uma *direção*, um *rumo*, para chegar ainda àquilo tudo o que é *sentido* pelo nosso corpo antes de o intelecto disso se ocupar. (DUARTE JÚNIOR, p. 89, 2010)

Assim, o que era impossível - mudar uma realidade - torna-se possível através de intervenções artísticas realizadas em fotocópias dos originais, ressignificando e gerando novos sentidos para situações e experiências. Um exercício de consciência e de autonomia, na medida em que é possível expressar, com a experiência proveniente dos anos, uma marca autêntica e identitária do querer e da intencionalidade.

## Devaneios e labirintos

*Pensar não é sair da caverna, nem substituir a incerteza das sombras pelos contornos nítidos das coisas mesmas, a claridade vacilante de uma chama pela luz do verdadeiro Sol. É entrar no labirinto [...]. É perder-se nas galerias que só existem porque, incansavelmente, nós as escavamos, girar em círculos no fundo de um beco sem saída cujo acesso fechou-se por trás de nossos passos – até que esta rotação abra, inexplicavelmente, fissuras praticáveis na parede.*

Cornelius Castoriadis

Abrir álbuns de família pode não ser uma tarefa simples. As imagens evocam vozes e sentidos que muitas vezes ficaram esquecidos (literalmente) em gavetas. Pensar sobre as experiências de vida e pessoas que fizeram e fazem parte de nossas vidas exige andar pelas galerias do labirinto, conforme Castoriadis afirma na epígrafe supracitada, até que apareçam possibilidades e fruição.

Devanear pode consistir um ato poético, bem humorado, doloroso, alegre. Somos afeitos aos estímulos recebidos do cotidiano. No entanto, nesta proposta, tais estímulos foram provocados a partir de uma proposta nuclear: observar e refletir sobre fotografias de álbuns de família, de forma a possibilitar novas percepções, partilhas, evocar sentimentos e fazeres artísticos.



Fig 2: Capa do caderno de memórias, se Cristina Antoniazzi e obra “Casamento”, de Vera Sá Santos. Arquivo pessoal

Durante a pesquisa de campo foram anotadas diversas falas, prolongamentos do ato de observar imagens e refletir com o grupo, registradas a seguir<sup>3</sup>:

“- Filho, marido e cachorro a gente adestra no primeiro dia, senão nunca mais.” “- Você não sabe o que significou para mim sentar num banco da

<sup>3</sup> Anotações feitas pela pesquisadora durante a pesquisa de campo.

Unicamp.” “- Eu tenho uma história de vida que não te contei, é para um livro que vou escrever.” “- Eu comprava bananas e não podia comer, tinha que dividir entre minhas filhas. Era minha fruta preferida. Tempos difíceis. Viúva, jovem e com duas crianças. Mas fiz duas faculdades, dei aulas de pintura em pano de prato e até consegui mandar minha filha estudar nos Estados Unidos.” “- Faço poemas eróticos para meu falecido marido, mas você é criança, não pode ver (o mais ousado fala da saudade que sinto de tomar banho com ele).” “- Não foi fácil rever e pensar minha história olhando as fotografias, muitas vezes chorei. Minha mãe ainda é viva. Não lembra de quase nada. Olhando as fotos revi as roupas de festa junina que ela fazia para todos nós. Mostrei as roupas, que ainda guardo. E as fotografias. Ela sorriu.” “- Sinto culpa por não ter tido mais paciência com minha mãe no dia anterior à morte dela, num hospital. Mas eu estava sem dormir há dias.” “- Quando eu o conheci, nem liguei. Ele nem fazia meu tipo. Passava por ele no trabalho e nem aí. Vamos fazer quarenta anos de casados em breve.” “- Não gosto de trabalhos manuais. Meu pai era violento e me obrigou a fazer isso quase a vida toda. Não tenho memórias anteriores ao meu casamento. Minha vida começou quando conheci meu esposo. Posso fazer os trabalhos no *photoshop*?”

Também nossos encontros transformaram-se em registros fotográficos, realizados pelas participantes e por mim, fazendo parte das memórias que ‘gavetas’ (muitas virtuais), hoje carregam.

## **Desdobramentos**

*Na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado. [...] A lembrança é uma imagem construída pelos materiais que estão, agora, à nossa disposição, no conjunto de representações que povoa nossa consciência atual.*

Ecléa Bosi

Na ocasião em que foram elaboradas as propostas teóricas e artísticas da pesquisa de campo, realizei uma viagem até a cidade de Crato-CE, no intuito de conhecer a coleção de fotonúcleos do professor Titus Riedl e também a Associação de Cordelistas e artesãos, repositórios de memórias daquele local.

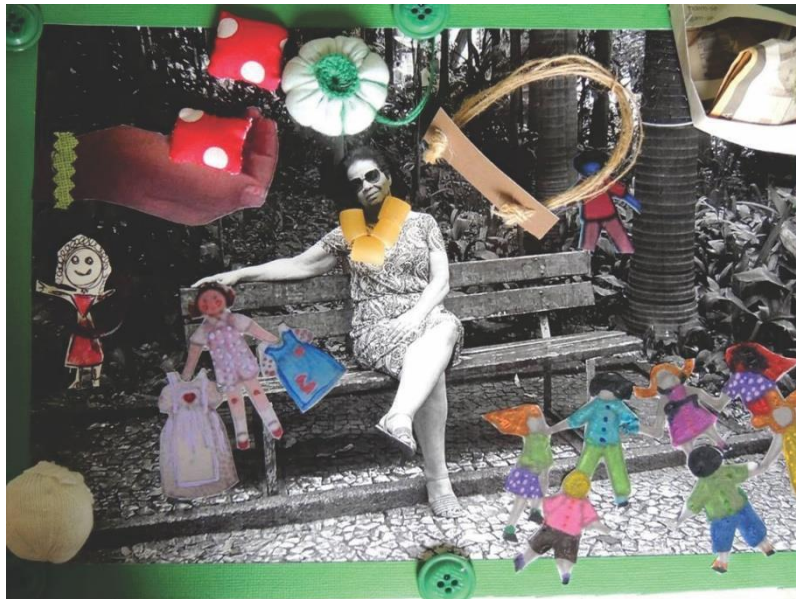


Fig 3: Objetos de infância. Obra de Nilcea Lopes. Arquivo pessoal

Bachelard (2000), em seu livro “A poética do espaço” traz subsídios para a leitura afetiva e íntima assumida pelos objetos:

O armário e suas prateleiras, a escrivaninha e suas gavetas, o cofre e seu fundo falso são verdadeiros órgãos da vida psicológica secreta. Sem esses "objetos" e alguns outros igualmente valorizados, nossa vida íntima não teria modelo de intimidade. São objetos mistos, objetos-sujeitos. Têm, como nós, para nós, por nós, uma intimidade (BACHELARD, 2000, p. 248)

Considerando a memória dos objetos, a cordelista Josenir Lacerda compartilhou um de seus poemas, que versa sobre o referido tema, que foi lido em uma das aulas teóricas da investigação.” Uma das participantes do grupo de pesquisa de campo escreveu um texto acerca de uma lembrança de um guarda-louças, que foi evocada, segundo ela, pelas palavras da poeta cearense, transpostas a seguir:

### **Sonhos e Frutos**

No guarda-louça  
Da sala da minha avó  
Havia uma fruteira  
E nela sonhos reluzentes  
Chamavam a atenção dos meus olhos  
Olhos ávidos de criança  
Ansiava vê-los  
Maduros, saborosos  
Ansiava sentir-lhes o gosto.  
O tempo passou  
Alguns amadureceram  
E eu não atentei para o sabor  
Muitos foram roubados  
Vários apodreceram  
Outros continuam verdes

E talvez jamais amadureçam  
Foram colhidos antes do tempo...  
A criança fugiu  
Hoje só resta o retrato  
Amarelado e envelhecido  
Do guarda-louça  
Colado num canto sombrio  
Do meu pensamento.

A partir da leitura do poema de Josenir, Nilcea Lopes, integrante do grupo de pesquisa de campo, escreveu o seguinte texto que, segundo esta, teve a memória evocada pelo poema supracitado:

### **O guarda-louça**

O guarda louça lá de casa era uma coisa muito séria. Ninguém podia mexer, a não ser minha mãe, meu pai ou minhas irmãs mais velhas. Eu adorava ficar olhando aquelas louças que nunca eu podia pôr as mãos. Lá eram guardados tudo que tínhamos de melhor em termos de vasilha de louça ou vidro.

Lembro que sempre que chegava o dia das mães minhas irmãs mais velhas que já trabalhavam davam alguma coisa de uso doméstico para minha mãe. Lembro-me de pratos, travessas, tigelas. Minha irmã Maura sempre embrulhava um prato para mim e para as minhas irmãs menores darmos para minha mãe. Eu ficava muito feliz e achava aquilo tão lindo que não via a hora do café da manhã do domingo das mães chegar para eu dar meu presente e quando nós entregávamos minha mãe ficava muito feliz e emocionada.

Uma vez minha irmã Zila ganhou uma boneca de louça da sua madrinha. Era uma boneca linda, mas eu não sei porque a boneca foi guardada no guarda louça e Zila nem ninguém nunca brincou com a boneca. Era só para contemplação dentro do guarda louça. Quando minha sobrinha nasceu, primeira neta de minha mãe, foi uma alegria só na família. Meus pais não sabiam o que fazer para agradá-la. Ela foi crescendo e aprendendo a brincar e um belo dia cismou que queria a boneca que viu no guarda louça. Minha mãe, que não conseguia negar nada para a neta, tirou pela primeira vez a boneca desde que minha irmã ganhou e deu para a neta brincar. Na primeira hora ela derrubou a boneca e afundou seus olhinhos azuis para dentro da cabeça. Minha irmã, dona da boneca, que jamais brincou com ela, ficou muito chateada. Mas não podia reclamar, porque naquele tempo era assim. Jamais contestávamos qualquer palavra ou atitude de nossos pais.

O exemplo acima demonstra um compartilhar de fatos entre pessoas que sequer se conhecem, mas que remetem a uma identidade e o desdobramento e acesso às memórias a partir da descrição e significação de um objeto, neste caso, o guarda-louças.

### **E se...**

*Se eu pudesse voltar a viver, andaria descalço no  
começo da primavera e continuaria assim até o fim  
do outono.*

*Daria mais voltas na minha rua, contemplaria mais  
amanheceres e brincaria com mais crianças.*  
atribuído a Jorge Luís Borges

Não raro nos deparamos, em conversas cotidianas com as palavras “e se...”, pronunciadas como sibilas de aspirações impossíveis.

Como exposto no início, é impossível revogar o acontecido, o destino, mas a arte permite intervenções no registro fotográfico, aventando hipóteses a partir de sonhos e desejos.

Durante as reflexões, surgidas a partir da observação das fotografias, muitos anseios foram manifestos no grupo, tais como:

“- E se eu tivesse uma irmã? Sempre quis tanto. Acho que por isso tive muitas filhas”; “- E se eu fosse Presidente do Brasil? Era o sonho da minha mãe”, “- E se meu esposo não tivesse morrido? Acho que teríamos muitos filhos.” “- E se eu tivesse casado na primavera?” (Fig. 1)

O fazer artístico permitiu uma reelaboração de realidades que, apesar de concretizadas, puderam ser remodeladas no âmbito da arte, expressando quimeras que habitavam a alma de cada uma das integrantes do grupo.

Na figura 4 Marta Delgado apresenta a concretização do sonho de sua mãe: que ela fosse Presidente do Brasil. A foto, realizada em sua juventude, ao subir em um avião, representa uma imagem ‘arquetípica’ de registros realizados pela imprensa de diversos presidentes. Serviu como pano de fundo para a intervenção. Bastou acrescentar a faixa com as cores do país.



Fig 4: E se seu fosse Presidente da República? Obra de Marta Delgado. Arquivo pessoal

Muitos resultados foram apresentados e comporão um livro com os resultados finais desta pesquisa. Convido o leitor a abrir sua gaveta de guardados, observar as fotografias de álbuns de família e questionar: “e se...”

## Referências

ASSMANN, A. **Espaços da recordação**: formas e transformações da memória cultural. Tradução: Paulo Soethe. Campinas: Editora da Unicamp, 2011.

BACHELARD, G. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

BARTHES, R. **A câmara clara**. Tradução: Júlio Castañon Guimarães. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.

BEAUVOIR, S. **A velhice**. Tradução: Maria Helena Franco Monteiro. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

BENJAMIN, W. **Magia e Técnica, Arte e Política**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

BOSI, E. **O direito à memória**: patrimônio histórico e cidadania. Departamento do Patrimônio Histórico. São Paulo, 1992.

DUARTE JÚNIOR, J. F. **A montanha e o videogame**. Campinas: Papirus, 2010.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

HALBWACHS, M. **A memória Coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.

SILVA, A. **Álbum de família**: a imagem de nós mesmos. São Paulo: Editora Senac, 2008.